



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**ADEILZA DE ARAÚJO FERREIRA**

**UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE  
TRANCOSO NA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE– MUNICÍPIO DE  
ALAGOA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE**

**2019**

**ADEILZA DE ARAUJO FERREIRA**

**UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS  
DETRANCOSO NA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE– MUNICÍPIO DE  
ALAGOA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação /Departamento do Curso De Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.

**CAMPINA GRANDE**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383r Ferreira, Adeilza de Araujo.  
Um relato de experiência com a contação de histórias de trancoso na comunidade Caiana do Agreste – município de Alagoa Grande-PB [manuscrito] / Adeilza de Araujo Ferreira. - 2019.  
30 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro", Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Histórias de Trancoso. 2. Práticas educativas. 3. Histórias de vida. 4. Valorização sociocultural. I. Título  
21. ed. CDD 370

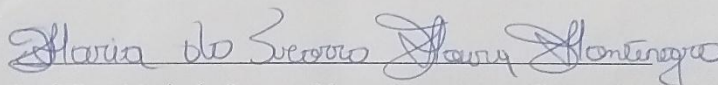
ADEILZA DE ARAÚJO FERREIRA

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE  
TRANCOSO NA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE- MUNICÍPIO DE  
ALAGOA GRANDE-PB

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/à Coordenação /Departamento  
do Curso Pedagogia da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciatura em Pedagogia.

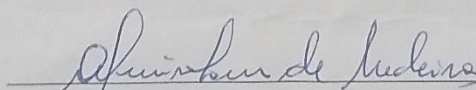
Aprovada em: 13/12/2011.

BANCA EXAMINADORA



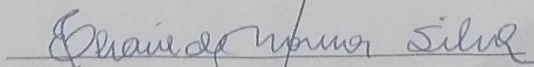
Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Almira Lins de Medeiros (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Eliane de Moura Silva (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos.

Isaac Newton

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	MEMÓRIAS DE IDOSOS: REVISITANDO ASPECTOS CONCEITUAIS.....	7
3	A ORIGEM DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	11
4	EXPERIÊNCIA COM IDOSOS, A PARTIR DA PEDAGOGIA DOS PROJETOS: “UMA EXPERIÊNCIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE TRANCOSO NA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE” .....	13
5	LEMBRANÇAS DE CONTAÇÕES DE HISTÓRIA DOS IDOSOS DA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE – MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE - PB.....	16
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19

## UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE TRANCOSO NA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE – MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE-PB

Adeilza de Araújo Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse trabalho originou-se do Projeto de Extensão: *Práticas Educativas Para a Formação de Atitudes de Valorização da Pessoa Humana e da Comunidade*, desenvolvido pela Universidade Estadual da Paraíba, no ano de 2013, na Comunidade Caiana do Agreste, município de Alagoa Grande – PB. Por isso, trouxemos à tona o registro desse projeto para ser incorporado a esse trabalho de conclusão de curso, de modo que esse estudo teve como objetivo geral refletir o Projeto de Extensão: *Práticas Educativas Para a Formação de Atitudes de Valorização da Pessoa Humana e da Comunidade Caiana do Agreste em Alagoa Grande – PB*, tendo os idosos como testemunha e partícipe da história da comunidade. Embasando, assim, esse artigo em autores como, Bussato (2007), Bosi (2003), Le Goff (2003); e outros. Para isso, a metodologia desse estudo está focada no relato de experiências do referido projeto de extensão da Universidade Estadual da Paraíba desenvolvido na Comunidade Caiana do Agreste em Alagoa Grande – PB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reflexão. Subprojeto de Extensão. Histórias de Trancoso. Participação de Idosos.

### ABSTRACT

This work originated from the Extension Project: *Educational Practices for the Formation of Attitudes of Valorization of the Human Person and the Community* developed by the State University of Paraíba, in 2013, in the Caiana do Agreste Community, municipality of Alagoa Grande - PB. For this reason, we brought to light the registration of this project to be incorporated into this work of conclusion of the course, so that this study had as general objective to reflect the Extension Project: *Educational Practices for the Formation of Attitudes of Valorization of the Human Person and the Caiana do Agreste Community in Alagoa Grande - PB*, with the elderly as witnesses and participants in the history of the community. Thus, basing this article on authors such as Bussato (2007), Bosi (2003), Le Goff (2003); and others. For that,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

the methodology of this study is focused on the report of experiences of the referred extension project of the State University of Paraíba developed in the Caiana do Agreste Community in Alagoa Grande - PB.

**KEYWORDS:** Reflection. Extension Subproject. Stories from Trancoso. Elderly Participation.

## 1 INTRODUÇÃO

Ressaltamos que esse estudo originou-se do Projeto de Extensão: *Práticas Educativas Para a Formação de Atitudes de Valorização da Pessoa Humana e da Comunidade*, que tivemos a oportunidade de desenvolver o subprojeto: *Resgate da Prática da Contação de Histórias de Trancoso*<sup>2</sup>, realizado na Escola São João, situada na Caiana do Agreste – município de Alagoa Grande – PB, por intermédio da Memória dos Idosos. Nesse sentido, esse subprojeto fundamentou-se na valorização da Contação de Histórias de Trancoso no contexto da Educação Infantil, ao compreender que as histórias apresentam e representam o cotidiano de uma dada época histórica que, de uma forma ou de outra, contribui para fortalecer vínculos sociais, educativos e afetivos das crianças. Ao mesmo tempo em que contribui para que os professores utilizem esse produto histórico para o desenvolvimento da criança, no sentido de despertar leitores, a partir dos pequenos.

A Metodologia desse estudo está focada em dar visibilidade a contação de histórias de trancoso, em suas gerações e tradição por intermédio da memória de idosos, perpassando para as crianças. Considerando que este subprojeto foi realizado, com base na Pedagogia de Projetos, realizaram-se os seguintes passos: apresentação e discussão da proposta de trabalho, identificação dos idosos dispostos a colaborar, o convite desses idosos, a escuta de suas histórias e a produção de desenhos e textos a partir delas. Os desenhos e os textos produzidos a partir da experiência e de registros fotográficos da mesma foram organizados em um álbum. Na culminância do projeto, os alunos fizeram a apresentação da vivência e do material produzido.

Portanto, o objetivo geral desse trabalho é dar visibilidade ao subprojeto: *Resgate da Prática da Contação de Histórias de Trancoso*, produzido na Escola São João, situada na Caiana do Agreste em Alagoa Grande – PB, por intermédio da

---

<sup>2</sup> [...] os Contos de Trancoso tiveram inúmeras edições até o século XVIII. A primeira publicação conhecida data de 1575, feita em Lisboa por Antônio Gonçalves (o mesmo editor de *Os Lusíadas*) e que compreende as duas primeiras partes da obra. Dela só existe um exemplar, o que pertence à Coleção Oliveira Lima, da Biblioteca da Universidade Católica de Washington. Este exemplar, desconhecido durante muitos anos pelos estudiosos portugueses, foi descoberto pelo português, em 1956. Por iniciativa do Prof. João Palma-Ferreira, a Biblioteca Nacional de Lisboa publicou uma edição fac-similada deste exemplar em 1982. No texto introdutório desse fac-símile o Prof. Palma-Ferreira discute a questão relativa à edição “princeps” dos Contos, entendendo que, na leitura dos textos dos “Prólogos” e dos “Privilégios” das duas primeiras partes e por algumas particularidades de impressão do exemplar, existem fortes indícios de que terá havido uma edição anterior ao ano de 1575, provavelmente em 1571, apenas com as narrativas da primeira partes. Os argumentos são pertinentes, mas, como não se tem exemplar, o problema para a filologia é insolúvel (RODRIGUES,).



memória de idosos. E como objetivos específicos: valorizar a importância das histórias contadas na comunidade Caiana do Agreste - município de Alagoa Grande-PB; estimular o interesse pelo ato de ouvir e de viajar para o mundo da imaginação; valorizar a pessoa idosa e/ou do velho que, segundo a sociedade a inclui no patamar da velhice<sup>3</sup>, embora seja considerado, a nosso ver, membro importante de nossa sociedade.

É importante destacar que é por meio da contação de histórias que se pode despertar a autoconfiança da criança pelo encanto da palavra, pela beleza da fala, pela transformação de fisionomias, iluminar olhares ou mover pensamentos, para formar leitores, mesmo que a médio ou longo prazo, é umas das práticas importantíssimas para o ser humano, para o seu crescimento social e em comunidade.

Vale dizer que as atividades de Contações de Histórias de Trancoso foram de grande valia, considerando que as crianças puderam valorizar a narrativa da pessoa idosa - moradora da comunidade de Caiana do Agreste no município de Alagoa Grande - PB.

Nessa direção, esse artigo está estruturado da seguinte forma: o primeiro item trata da memória de idosos: aspectos idosos; o segundo item trata da origem da contação de histórias; o terceiro item trata da memória de idosos: uma experiência com a contação de Histórias de Trancoso na Comunidade Caiana do Agreste; o quarto item trata da proposta de trabalho para a escola, a partir das contações de histórias dos idosos de caiana do agreste – município de Alagoa Grande - PB.

## **2 MEMÓRIAS<sup>4</sup> DE IDOSOS: REVISITANDO ASPECTOS CONCEITUAIS**

Dando importância as reflexões do livro: *Memória de Idosos* (Ensaio de Psicologia Social) (2003), da pesquisadora Ecléa Bosi, deduzimos que essa renomada autora buscou nos seus pertinentes estudos de sua tese de doutorado sobre os idosos, afixar sua experiência pessoal com acontecimentos do cotidiano, anotados em sua memória e contados para outros.

Para essa autora, não é a memória que se aprisiona nela mesma, mas a que oferta suas razões quando há um ouvido disponível e solícito. Existem histórias reais, de manuais ou de datas importantes que todos nós quando estudamos, e mesmo sem querer, temos de decorar. Contudo, Bosi (2003) trata da história individual, que se desenvolveu ao longo da vida, por meio de um cotidiano, às vezes sendo considerado até mesmo rotineiro, mas nunca perdendo sua relevância.

Por todo instante, podemos reanimar ou reviver coisas de nosso passado: é como se contássemos histórias a nós mesmos, alguns para registrar e não correr o risco de cair no esquecimento chegam a anotar em diários. No entanto, o relato no ato

---

<sup>3</sup> “Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista”? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor (BOSI, 2009, p. 18 – 19).

<sup>4</sup> Descrevendo a substância social da Memória - a matéria lembrada – você nos mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique” (BOSI, 2009, p. 31).

da oralidade se torna essencial, pois pode ser compartilhado com outras pessoas e, através dele, o que vivemos ganha um sentido social, obtém testemunhas faz com que outros elogiem sua experiência, através das nossas palavras. Falar nem sempre é fácil, ainda mais quando no âmago de ordenar incumbências<sup>5</sup> sobre o mundo, falar aproxima as pessoas e as coloca num meio de significados e vivências coletivas. É um contato de experiências no qual adquirimos um prazer especial, graças ao qual diminuimos a solidão que nos remete a nossa individualidade e aos mundos particulares que desenvolvemos para nós mesmos.

A memória alterada em palavras e que passa um conhecimento vivido tem interesse enorme para os leitores de todas as áreas que se interessam em conhecer a memória de pessoas idosas que foi reconstruída ao longo do tempo. É através dessa memória que podemos ter acesso às épocas remotas de nossa existência, sobretudo se levarmos em consideração que, queiramos ou não, todos nós, um dia, iremos fazer parte da memória, seja no contexto familiar, seja fora dele.

Na perspectiva da qual Bosi defende (2009) não podemos abandonar a perspectiva individual, cada contação nos leva a situações em que o contador interagiu com outras pessoas, ponderando a certeza que captou em seu grupo obtendo informações diretas a respeito do assunto de que irá falar ao contador. Deste modo não estaremos metendo os pés pelas mãos a respeito da história e das coisas que serão relatadas, efetuando uma aproximação pessoal aos contextos aos quais ele pertence, indo, se possível à sua casa, e “sair com ele, caminhar ao seu lado nos lugares em que os episódios lembrados ocorreram” (2009, p. 60).

Por esse ângulo, seria importante suceder uma conversa antecipada para saber informações a respeito do que está presente na narrativa, que se instaura no interior de seus relatos, dos termos que usa e do modo de reconstituir o passado que é bem dele, e acima de tudo, formar laços de amizade, estes laços são tão necessários quanto inevitáveis. Dá-se, pois, ao perguntarmos sobre o passado do contador, estamos nos colocando na posição de uma pessoa interessada por ele e que quer partilhar a sua experiência. Um acontecimento conjunto e a quem fala abertamente agradece a quem escuta, por ter lhe provido uma oportunidade para saber o que tinha a dizer. Na formação do projeto (Práticas Educativas Para a Formação de Atitudes de Valorização da Pessoa Humana e da Comunidade) sobre o qual desenvolvi este trabalho compreendi com a nossa coordenadora, que sempre ressaltava por inúmeras vezes a importância do estudo prévio e conhecimento do local e principalmente das pessoas sobre as quais foram e são o foco do nosso trabalho, diante disso fomos a comunidade, conhecemos, nos apresentamos e como resultado cativamos uma afinidade sem igual ao qual dedico grande parte do sucesso deste projeto. Ainda com relação a esse respeito, Bosi (2003) ressalta a importância das hesitações e dos silêncios.

Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade... A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis (p. 64-65).

---

<sup>5</sup> Substantivo feminino: obrigação ou missão que se atribui ou se oferece a alguém; encargo, tarefa: tinha uma incumbência árdua. A própria obrigação ou atividade de que se está encarregado, obrigado: o trabalho me traz muitas incumbências.

Na atividade de extrair um depoimento, com atenção “forte e tênue”, é de bom tom perceber a forma como o contador frui as suas lembranças, os aspectos da narrativa que ele exalta os que ele deixa mais isentos, os momentos de mudança nos quais transparecem as passagens de sua vida e os seus esquecimentos. Tudo serve para que ocorra um meio de definição, alcançado dos vários elementos colhidos, numa soma que Ecléa chama de gestáltica<sup>6</sup>. Por fim, mais do que uma sugestão, um ponto ético: mostrar o depoimento, depois de transcrito, a quem o deu, para que possa apreciá-lo e tenha a liberdade de modificá-lo.

Obstante, não há porque exigir de um relato uma exatidão histórica, o mesmo terá sua própria verdade, ou podemos dizer sua própria personalidade que é a da crença e a da atitude. Devemos tomar tudo como dado, notar as suas contradições, suas orientações, seus limites e interpretá-lo. Ultrapassá-lo para reencontrar a sua exatidão. Ao ouvir e recontar uma história também precisamos de ética assim como em nosso meio social e individual, estamos lidando com a vida (memórias e lembranças) de outrem, sigilo e respeito devem fazer parte do conjunto necessário para uma boa relação ouvinte e leitor, e não deve se abster a apenas a esse contato pessoal, mais em toda evolução da iniciativa abordada.

Bosi (2003, p. 35) constata com pesar, que contar é trair a experiência imediata. “É verdade que, ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, naquele momento em que ela se corporifica (e enrijece) na narrativa”.

Diversificada, criativa e rica como é a memória, não é só de quem conta, as pessoas se apropriam dela, lhes ditam memórias únicas. Temos de ser conscientes em saber que o testemunho oral nem sempre é mais verdadeira do que a versão oficial. A memória é segundo Bosi “cooptada por estereótipos que nascem, ou no interior da própria classe... ou de instituições dominantes como a escola, a universidade que é instância interpretativa da História” (BOSI, 2003, p. 23). Bosi sempre fica atenta dissimulando o que afasta o relato da realidade social, culpa a condição cordial e rigorosa, que faz com que vejam os eventos sociais importantes do modo como apresentam aos que compõe a mídia e o poder.

[...] Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá a este acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais (BOSI, 2003, p. 21-22).

Sentimentos, ideias, imagens e valores “politicamente corretos” amparam a memória da pessoa e dão continuidade às relações de agrupamentos às explicações adequadas em termos das vantagens permitidas a alguns. A estratégia é impiedosa, uma vez que convence inclusive a quem prejudica; Estamos na era da informação excessiva dividida ela se forma leviana e incapaz de firmar ordens pelas quais nos é dado participar de conteúdos do conhecimento. Na comunidade onde desenvolvemos o projeto não tivemos esse empecilho, pois mesmo com a tecnologia adentrando em suas portas, a maioria dos moradores aos quais tivemos contato permanecia em total harmonia com aquele lugar, com seus ideais e sua cultura tornando intactas ou inabaláveis quaisquer que fosse os valores, informações ou emoções que levássemos

---

<sup>6</sup> Gestáltica - Baseia-se uma expectativa terapêutica, onde um terapeuta se centra num indivíduo de cada vez, porém sob o ponto de vista terapêutico. (BOSI, 2003, p. 23-24)

que diferiam de suas convicções. Ademais, a mídia arrisca naquilo que atrai a atenção de forma violenta, basicamente para subir pontos de índices de audiência, assuntos de que as pessoas falam, mas que esquecem rápido, o que importa é vencer de outro canal, de outro programa e a agilidade na arte da competição vale mais do que o cuidado pelo conteúdo transmitido. A divulgação, muitas vezes, trata os crimes, os atentados, as guerras e até a miséria de forma medíocre, como se não merecesse prudência, ou qualquer tipo de preocupação.

Exponho aqui uma breve síntese da obra *História e Memória*, de Jacques Le Goff. O referido livro é resultado da reunião de vários ensaios desse autor, onde ele busca lapidar e até mesmo reconstruir o conceito de memória, afirmando ser um fenômeno individual e psicológico, que possibilitaria ao homem a atualização de sentimentos ou informações passadas.

Vale ressaltar, ainda, que para Jacques Le Goff (1924), nos diz que a memória, como atributo de conservar certas informações, nos reenvia em primeiro lugar para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar sentimentos ou informações distantes, que ele representa como passadas. A noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, ou seja, em um estágio de conquista desperta o interesse pelos vários meios de sistemas de educação da memória que existiram nas diversas sociedades e em diferentes épocas: **mnemotécnicas**<sup>7</sup>.

Todas as teorias que conduzem de algum modo à ideia de uma atualização mais ou menos mecânica de *vestígios* mnemônicos foram abandonadas, em favor de concepções mais complexas da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso. (LE GOFF, 1924, p. 424).

A memória vem entranhada em cada visão de mundo, formas de agir e pensar, teorias, lições e definições. A memória social é uma das formas que temos para lembrar dos problemas do tempo passado e presente da história. Segundo Le Goff (1924), os fenômenos da memória, tanto nos seus dados biológicos como nos psicológicos, não são mais que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na proporção em que a organização os preserva ou os restabelece “as perturbações da memória, que ao lado da amnésia, se pode manifestar também no nível da linguagem na afasia, devem em numerosos casos esclarecer-nos também a luz das ciências sociais. Por outro lado, em um nível metafórico, mas significativo, do mesmo modo a amnésia não é só uma “perturbação” no indivíduo, mas envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou perda voluntária ou involuntária da memória coletiva nos povos e nas nações podem determinar perturbações graves da identidade coletiva” (LE GOFF, 1924, p. 424). A meu ver, no Brasil, no momento pelo qual estamos passando como por abalos provenientes de uma amnésia comunitária de grande parte da população.

Le Goff (1924) reparte seu estudo sobre a memória histórica em cinco partes, a saber, memória étnica; desenvolvimento da memória da Pré-História à Antiguidade; memória medieval; progressos da memória escrita e os desenvolvimentos atuais da

---

<sup>7</sup> **Mnemônico** é um conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar o processo de memorização. Consistem na elaboração de suportes como os esquemas, gráficos, símbolos, palavras ou frases relacionadas com o assunto que se pretende memorizar.

memória. Esse autor ainda nos diz que a cultura dos homens com escrita é diferente da cultura dos povos sem escrita, porém, não definitivamente desiguais. As nações sem escrita alimentam suas tradições por meio de narrações mitológicas, propagadas às demais gerações pelos homens – memória, personagens responsáveis pelo esmero da história de seu povo. No entanto, essa prática não lança mão de artifícios de memorização, não é uma prática mecânica, diferentemente da escrita.

E Le Goff acrescenta:

Transmissão de conhecimentos considerados secretos, vontade de manter em boa forma uma memória mais criadora que repetitiva; não estarão aqui duas das principais razões da vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita (LE GOFF, 1924, p. 424).

Na visão de Le Goff (1924), toda essa evolução das sociedades, deixa clara a magnitude do papel que a memória coletiva representa. Ela está presente nas grandes questões das sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento. A memória é de suma importância para o desenvolvimento da própria História, sem ela não haveria estudo nem conhecimento. É essencial, uma postura dos historiadores para lidarem com essas convicções: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1924, p. 424).

### 3 A ORIGEM DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar histórias é uma arte ancestral da qual o deslumbramento sobre o ser humano permanece ao longo do tempo contribuindo pela conservação do imaginário coletivo e envolvendo narradores e ouvintes em uma mesma trama. Desde a infância e por toda vida, ela faz parte da construção da afetividade e da identidade. Nesse sentido, as contações nos possibilitam experimentar o prazer de perceber o mundo e a existência por meio de representações que nos levam a conhecer outras realidades, e a refletir, transcender, e desenvolver uma perspicácia sobre o real nos habilitando a percebê-lo sob um novo olhar.

Esses contos não deixavam de ter um caráter ideológico, diverso, verdadeiro com uma conexão ilusória. Independente do gênero: histórias de príncipes e princesas, castelos e guerras, reis e rainhas, cidades, campos e matas; ou sendo uma trama que provocasse medo, até arrepios como das bruxas, lobisomens, almas e assombrações, partes que presenciávamos de olhos e ouvidos tampados.

No decorrer dos tempos começaram a chamar de “histórias da carochinha”, que nunca aconteceram porém ainda prefiro “história de trancoso”. A expressão “histórias de Trancoso” é muito comum em Portugal e no Brasil, passando a denominar todo conjunto de histórias populares transmitidas pela tradição oral. Houve um escritor português, colecionador de contos que tinha por sobrenome Trancoso. A mesma teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos e fábulas. Hoje em dia história de Trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário, embora saibamos que não se pode descartar a História de Trancoso, em razão de ter feito parte de um contexto histórico e cultural de uma época, tanto em Portugal, como no nosso país.

Em contrapartida, sabemos que alguns contos infantis são classificados por alguns autores como histórias de Trancoso. Eram muito utilizados em rodas de conversa entre adultos (idosos) para crianças. Os nossos avós e pais cresceram ouvindo esses mitos, repassando para a gente como forma de nos intimidar e colocar regras, principalmente nos mais traquinas. Para a atual sociedade de consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo é só observar a pouca paciência que se tem para ouvir o outro (BUSATTO, 2007, p. 20).

O contador de histórias é uma figura ancestral, presente no imaginário de inúmeras gerações ao longo da História. Em um universo desprovido de recursos midiáticos, este ser era imprescindível para a formação dos futuros adultos, ofertando às crianças, através das narrativas de histórias, 'causos', mitos, lendas, entre outras, uma imagem menos apavorante de uma realidade então povoada pelo desconhecido. Ao mesmo tempo em que amenizava os medos e uma existência muitas vezes desvantajosa, o narrador ajudava as pessoas a entenderem melhor o que se passava a sua volta, a enfrentar os dilemas e confrontos de natureza social e individual, extraíndo das experiências o aprendizado mais profundo. As narrativas eram criadas pela voz mágica do contador, ao redor de fogueiras oulareiras que contribuía para criar uma atmosfera de intensa magia. O contador de histórias não era um mero reprodutor de narrativas ele faz parte de um rico acervo da cultura local, ele também gerava seus relatos, simplesmente mantendo-se atento à reação psicológica dos ouvintes. Conforme a disponibilidade ambiental, ele improvisava e ampliava seus contos, tendo como principal instrumento a palavra, que detém o poder de transformar o comportamento humano.

O contador tradicional identifica-se com o narrador e retira os significados do momento presente construindo a sua leitura de mundo a partir da interpretação do universo cultural do qual faz parte para depois compartilhar com seu ouvinte, socializando o saber e caracterizando o ato de contar com um momento de elaboração das suas próprias crenças (BUSATTO, 2007, p. 23).

A importância do ato de contar histórias já vem sendo analisada e discutida por muitos estudiosos. É possível que num passado distante, narrar histórias fosse até uma missão sagrada, realizada somente pelos mais sábios e experientes. Porém, com o tempo, as pessoas comuns também passaram a contar histórias, talvez menos míticas e mais próximas de cada povo, com novas características.

A contação de história faz parte de minha história de vida, e talvez essa aptidão tenha início em minha infância, porque meu pai e minha mãe não possuem diplomas, mas "sabiam" que contar histórias era algo que fazia parte do contexto familiar em que eles viveram e, por alguma razão, passaram a desenvolver o mesmo hábito. Pude perceber, durante toda minha vida, que aquelas histórias estiveram bem vivas em meu cotidiano, e hoje, constatando como isso foi enriquecedor nos mais variados aspectos, acredito que também contribuiu imensamente na vida de meus alunos, pois os mesmos ficam embasbacados ao ouvir qualquer história, só o fato de contar independentemente do gênero já se torna algo cativante para eles, diferenciados e de um cotidiano educacional atual.

#### **4 EXPERIÊNCIA DE IDOSOS, A PARTIR DA PEDAGOGIA DOS PROJETOS: “UMA EXPERIÊNCIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE TRANCOSO NA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE”.**

Após ter feito um passeio pelas reflexões teóricas sobre a memória e suas visões de mundo, com base em autores renomados, como o historiador francês Le Goff e a psicóloga brasileira Bosi, trouxemos à tona a reconstrução da memória de idosos da Comunidade Caiana do Agreste.

Compreendemos que, o ato de contar histórias já é, por si só, um resgate de memórias e a nosso ver, contribui positivamente para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, se considerarmos que estamos valorizando sua experiência ao longo da vida. Sem perder de vista que esse ato de contar histórias é considerado um ato de extrema importância, associada a competência do idoso que o acompanha, enquanto ser humano, desde os tempos mais longínquos. Através de histórias contadas, as tradições e o passado de um povo são transmitidos de geração em geração, e para nossa satisfação acreditamos que também acende uma chama no coração dos idosos, pois consente que eles vivenciem no conto as suas próprias experiências.

Por outro lado, compreendemos também que, ao contar um conto, os idosos também aumentam um ponto, além de perceber que esses idosos - mais velhos - também são capazes de resgatar antigas lembranças, criando neles um sentimento de prazer e afinidade. Por terem vivido mais tempo e possuírem mais experiência de vida, os idosos são melhores ouvintes do que os mais jovens e escutam com atenção cada frase proferida. O vínculo com a história<sup>8</sup> faz com que o idoso se coloque no lugar das personagens do conto e cria oportunidades para que ele compartilhe com outras pessoas suas memórias, resgatando as boas lembranças da sua vida. No círculo da vida, alguns idosos passam de ouvintes para contadores de histórias, retomando, assim, sua importância na sociedade, porque viveram inúmeras experiências que precisam ser socializadas, ou seja, compartilhadas.

Nesse sentido, podemos associar a arte de contar histórias ao hábito da leitura que, queiramos ou não, podemos remeter ao interesse e estímulo pela leitura de histórias de nossos antepassados, que foi registrado e isso contribui para que descubramos habilidades que são desenvolvidas pelos idosos, como a fala, a percepção, a memorização, a atenção e a dramatização.

Qual a função da memória? Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair à barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação: o apelo dos vivos, a vinda à luz do dia, por um momento, de um defunto. É também a viagem que o oráculo pode fazer, descendo, ser vivo, ao país dos mortos para aprender a ver o que quer saber. (BOSI, 2003, p. 89).

Segundo essa autora, a memória não modifica o decorrido. Então, para que lembrar-se do passado? A memória é rica em trajetórias e sentimentos de quando

---

<sup>8</sup> Le Goff (1924) defende que a História não deve ser entendida como ciência do passado, mas como a “[...] ciência da mutação e da explicação dessa mudança” (p. 424).

aconteceu, não apenas lembrar-se do fato, mas também como se sentiu, o que sentiu. A memória nos remete o que os livros não conseguem transmitir. Cada um tem a sua própria forma de lembrar e sentir, o mesmo acontecimento que, indubitavelmente, pode ser lembrado de forma diferente, por diferentes pessoas, depende do envolvimento e de como elas entendem o ocorrido, sobretudo, quando compreendemos que os seres humanos têm a sua própria singularidade.

É importante ressaltar que a memória dos idosos lhes é muito familiar com o passado, pois guarda lições vindas de suas próprias e singulares experiências. Pois, de fato, a memória guarda aquilo que se perde com a morte ou com o tempo, por isso é importante registrar e registrar também é fazer história. Esse artigo é de suma importância, em razão de estarmos registrando, buscando lembrar por meio das memórias de alguém, porque nos ajuda a entender como era a vida no passado de forma mais acolhedora do que nos livros e jornais que só dizem como era de maneira indiferente, sem uma experiência das pessoas que viveram na época, não tem a contingência de como uma pessoa entende as situações que viveu.

Os avanços tecnológicos da atualidade contribuem de certa forma, para que os acontecimentos coletivos da sociedade em que vivemos, sejam cada vez mais vivos, por meio de recursos tecnológicos bem mais avançados, aparelhos de última geração, etc. Mesmo assim, não podemos descartar o ato de **contar histórias que, mesmo sendo uma atividade que está se perdendo no tempo, é também uma** atividade capaz de se renovar e romper as barreiras do tempo, independente da evolução da humanidade.

O que dinamiza essa memória é a memória coletiva de uma sociedade, por meio da **contação de histórias que, queiramos ou não, o idoso socializa com outras pessoas e isso faz com que eles não se sintam tão solitários, assim como leva os idosos a serem** transportados para lugares distantes, os quais viveram ou tiveram vontade para vital.

Compreendemos que as histórias têm o poder de encurtar distâncias e fazer com que sejamos um só povo, uma só nação. Ao contar uma determinada história tanto os **idosos (contador) quanto as crianças (ouvintes)** passam a fazer parte daquele mundo, ampliando seus horizontes, sua visão de mundo que eles têm ou possa ter do mundo que os cerca.

Outro fator que é de suma importância relaciona-se com o fato de que a contação de histórias **deixa os idosos mais participativos, mais valorizados, mais respeitados, podemos pensar que ao contar as histórias mais antigas, eles têm o poder de** contar a história do chapeuzinho vermelho à moda antiga, com novos recursos que poderão ser incorporados ao repertório de cada idoso, como forma de prender a atenção das pessoas. **O contador tem o poder de recriar as histórias, adaptando-as ao mundo atual.** Elementos tecnológicos começam a se misturar às fábulas antigas para fazer com que ouvintes de diferentes idades consigam viver as experiências da narrativa de uma forma criativa, imaginativa e contemporânea. Quando **o idoso se coloca como um contador de histórias**, em tal caso para o meio educacional se o mesmo quiser obter resultados positivos no objetivo de prender a atenção da criança ele vai ter que procurar conhecer a tecnologia sobre qual pretende falar para poder transmitir sobre ela a outras pessoas. **Quando o mais velho é um contador no processo de contação de histórias**, ele vai procurar conhecer a tecnologia para incorporá-la no seu dia

A dia.

Essa realização tem o poder de despertar emoções nos mais experientes. Ao contar histórias os idosos sentem a fundo as emoções da narrativa, que despertam



tanto neles quanto em quem ouve sentimentos importantes como tristeza, alegria, raiva, medo, irritação e vários outros. Trazer esses sentimentos à tona é de extrema importância para o público 60+, pois eles conseguem extravasar emoções reprimidas. Na terceira idade, a irritação, o mau humor e a inquietude são normais e a contação de história envolvendo gerações (idosos+criança) serve como um alívio para todo esse estresse sentimental.

Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo. (...) Esgotada sua força de trabalho, sente-se um pária, e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como um favor ou esmola. (...) Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas, haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna (Bosi, 2003 p. 80-81).

A prática de contar/ouvir histórias consola a alma e melhora consideravelmente o humor do idoso através do imaginário, além do mais como um dos objetivos deste estudo temos o estímulo das relações intergeracionais entre avós e netos, a contação de histórias sempre foi vista como uma atividade desempenhada entre pais e filhos, no entanto, as novas constituições familiares têm mudado essa concepção, hoje em dia é cada vez mais comum avós cuidarem de seus netos em tempo integral ou parcial e contarem histórias para os mesmos, seja para acalmá-los, para descontraí-los ou até mesmo para transmitir às novas gerações as tradições da família e da sociedade em que vivem. Nessas circunstâncias a contação de histórias pode ser vista como uma forma de aproximar a família, reunindo em volta da mesa de jantar ou sobre uma confortável cama no final do dia, gerações diferentes, como avós, filhos e netos. Outras pessoas também podem se favorecer com a contação de histórias, como idosos internados em hospitais, em instituições de longa permanência e alunos de creches para adultos. Contar histórias pode mudar a vida dos nossos “velhinhos”, através do bem-estar e do comprometimento social proporcionado a eles.

A partir de todo um estudo teórico sobre a contação de história e a importância do idoso como principal fonte desse resgate cultural, histórico e acadêmico, conseguimos ir a campo e pôr em prática os estudos desenvolvidos para que fossemos abastecidos de conhecimento sobre o tema. Em contrapartida o referente relato é advindo de uma filmagem desenvolvida na COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE, na Escola São João. O projeto em si foi elaborado com a maioria dos alunos da escola em conjunto com a Gestora e também professora.

Em uma das etapas do projeto trabalhamos com filmagens, na qual escolhemos duas alunas que mais se destacaram no decorrer das atividades desenvolvidas, as mesmas relataram a experiência do projeto como um todo e em seguida a do Subprojeto de Contação de Histórias, que por sinal todos os comentários foram os melhores e positivos possíveis. Em seguida, entrevistamos a Gestora/Professora da escola, que nos contou como foi receber em sua escola um projeto voltado para a valorização do idoso em seus diversos âmbitos e como os seus alunos se

empenharam e colaboraram nas atividades propostas. As respectivas entrevistas foram realizadas na Escola São João<sup>9</sup>.

Em outro momento nos deslocamos à casa de uma das idosas, mãe de uma das alunas e, em seguida, nos fascinaram com suas histórias incríveis, o que, a nosso ver, foi de uma gentileza e valor teórico inestimável.

No decorrer dos encontros fomos determinando a melhor forma possível para desenvolvermos todo o projeto, as únicas dificuldades encontradas foram de locomoção, contudo obtivemos o auxílio da Secretária de Educação da cidade, que liberou nossa ida e vinda no transporte dos estudantes/professores, o que nos faz perceber o quão nossa proposta teve uma “boa” receptividade por todos, a comunidade, os professores e alunos foram de uma recepção sem tamanho, algo que fez com que nosso projeto obtivesse tanto sucesso diante de todos e para todos, mas, acima de tudo, o respeito e humildade que tratamos de diversos temas e para entrar e sair da casa de cada um que nos receberam com tanto carinho.

Espero que tenhamos alcançado os objetivos a que nos propomos e assim como a impressão que nos foi passada todos tenham as melhores impressões de nossa trajetória e atividades desenvolvidas com o consentimento e auxílio de todos.

Como acadêmica do curso de pedagogia, a meu ver, considero que foi uma experiência significativa, pois obtive um aprendizado acadêmico importante, que me fez não só construir esse artigo, mas aprender para a minha vida pessoal, em razão de ter aprendido a conhecer, e valorizar ainda mais nossa cultura.

Reconheço, sim, que ter sido aluna de Pedagogia, além dos diferentes conhecimentos adquiridos ao longo do curso, pude presenciar essa valorização de um modo tão simples e ao mesmo tempo tão rico, por ter sido de grande valia para a minha formação acadêmica porque tive a oportunidade de participar desse valioso Subprojeto, que se somou à forma com que fomos acolhidos por todos e isso nos estimulou bastante. E foi a partir desse projeto que nos propomos um resgate das antigas “Histórias de Trancoso” da comunidade, o que nos trouxe de volta as melhores lendas contadas de nossos ancestrais (avós), que foi e continua sendo um meio de reconstruir essa cultura tão rica, advinda da Memória dos Idosos. Sobretudo, porque para que este Projeto fosse concretizado trabalhamos de junto as escolas, alunos e moradores da comunidade.

## **5 LEMBRANÇAS DE CONTAÇÕES DE HISTÓRIA DOS IDOSOS DA COMUNIDADE CAIANA DO AGRESTE – MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE - PB.**

A partir dessa experiência com esse projeto de extensão que foi desenvolvido no município de Alagoa Grande – PB no qual os idosos foram envolvidos para a reconstrução da História dos Idosos, desenvolvemos um trabalho na escola, que pode servir de exemplo, não só para outras escolas de nosso município, mas também para outros municípios circunvizinhos de nosso estado.

Com o auxílio dos alunos nos deslocamos até a residência dos mesmos, ouvimos e registramos, por intermédio, de meios midiáticos (câmera, celular) o discorrer de inúmeras histórias (lendas, fábulas). Na sociedade em que vivemos, a contação de histórias está, aos poucos, sendo esquecida, desvalorizada, sobretudo, num mundo no qual as tecnologias estão de certa forma, ocupando o seu espaço nos

---

<sup>9</sup> Nome fictício.

lares e no trabalho, em geral. Por essa razão, valorizamos e propomos dar visibilidade a narrativa dos idosos, por meio de suas memórias.

Ao iniciarmos as atividades práticas, partimos de um simples cronograma: Como atividades, tivemos apresentações das atividades para os alunos em sala de aula, explicamos como seria o desenrolar dos trabalhos, com duração de 2 (duas) horas começando das 7h30min às 9h30min. Em um outro momento fomos pôr em prática parte das atividades, de modo que sendo o idoso nosso foco nos deslocamos até a casa dos avós de uma de nossas alunas participante do nosso projeto lá ele nos contou algumas de suas histórias de Trancoso.

No primeiro dia de aula/prática (campo), em 30/09/2015, com carga horária de duas horas e meia de 7h30min as 10h00min, no período da manhã: Fizemos uma visita à casa do avô de uma aluna e ele nos contou as histórias da Caiana, das lutas por liberdade e por posse de terras, onde seu Dedeca relatou que no final de cada disputa a quantidade de cartuchos de balas eram em exorbitantes, era o bastante para sobrecarregar 2 caçambas de caminhões. A lenda de “*cumadre fulozinha*”, uma menina travessa que assustava a comunidade com suas traquinagens, e quando irritada trazia o terror para os mesmos. E também a história de um *macaco dourado* que sequestrou a filha de um rei, a enfeitiçou e a transformou em uma macaquinha.

No segundo dia 02/10/2015, com carga horária de duas horas e meia, no período da manhã: realizamos, mais uma visita à mãe de uma para que pudéssemos registrar uma contação de histórias, que nos deixou satisfeitos. Preparamos o cenário, em um ambiente característico ao das “Contações de Histórias de Trancoso”, embaixo de uma árvore, os alunos todos sentados em um tronco ao redor da contadora, a mesma recontou a História de “Cumadre Fulozinha” e também a de um príncipe que só poderia se casar com a dama que tivesse uma carruagem coberta por ouro, o que era muito raro, mas no fim uma plebeia obteve por magia a tal carruagem e foram felizes para sempre.

Como consequência dessas práticas no ambiente físico da sala de aula, trabalhamos essas histórias de inúmeras formas: Produção de representações teatrais: Deboches; Fantoques; Encenação. Rodas de conversa: As histórias recontadas pelo ponto de vista dos alunos; Indagá-los a modificar as histórias, dando um desenvolver diferente a mesma; Ilustrar todas as histórias: Utilizar várias cartolinas e construir um mural.

Como registro de todas essas atividades utilizamos os recursos midiáticos e confeccionamos um livro dividido com suas respectivas atividades e apresentamos para eles de forma física e através de vídeo, os quais, por sua vez, ficaram encantados em ver seus próprios trabalhos expostos em um livro e por fotos e vídeos.

A propósito no decorrer do projeto como um todo, desenvolveram-se dois jornais denominados “CORREIO DA CAIANA” no qual a 2º edição relata de forma resumida cada subprojeto individualmente, incluindo de “*história de trancoso*”.

Conforme íamos frequentando a comunidade fomos pegos de surpresa ao saber que a maioria dos alunos, que participavam das atividades nunca tinham vindo à cidade, os mesmos relataram a vontade e até o sonho de conhecer a cidade da qual sua comunidade fazia parte. A partir daí, buscamos uma maneira de unir o “útil ao agradável”, tivemos a ideia de levá-los a cidade, porém com um propósito maior e significativo: conhecer os museus, igreja matriz, locações mais importantes da cidade, ou seja, lugares com história com um significado posterior. Buscamos o auxílio da prefeitura da cidade que prontamente cedeu o transporte que trouxe e levou os alunos.

Partimos, então, para visitação da Igreja Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem e o Teatro Santa Ignez, ambos mant m boa parte de sua arquitetura barroca <sup>10</sup>original.

Em seguida, fomos ao *Museu de Jackson do Pandeiro*, José Gomes Filho, *Jackson do Pandeiro*, (Alagoa Grande, 31 de agosto de 1919 - 10 de julho de 1982 - Brasília), Jackson   considerado um dos maiores ritmistas da história da MPB, este ano comemora-se seu centenário.

Conhecemos também o museu de Margarida Maria Alves (Alagoa Grande, 5 de agosto de 1933 - Alagoa Grande, 12 de agosto de 1983) foi uma sindicalista e defensora dos direitos humanos brasileira, uma das primeiras mulheres a exercer um cargo de direção sindical no país.

Logo após apresentamos a Lagoa do Pa , lago que caracteriza a cidade, e também o "Pandeiro" monumento construído no início da cidade em homenagem ao "Rei do Ritmo" Jackson do Pandeiro.

Sendo assim, o que nos fez mais satisfeitos, felizes e realizados não foi só obter os resultados tão esperados da reconstru o da história ou da valoriza o do idoso, mas também ver a felicidade de cada um ao descer do ônibus e ir pela cidade, os olhares de espanto, novidade, admira o, como se tudo fosse recém-construído, a simplicidade e humildade de todos não teve e não tem preço. O aprendizado não serviu só para eles, nós presenciamos a inocência e descoberta, nos dias de hoje tão próximo do nosso social e urbano onde nós mesmos não valorizamos nossa própria estrutura histórica fomos capazes de proporcionar tal feito para aquelas crianças, que ficarão guardadas para sempre em nossos cora es.

## 6 CONSIDERA ES FINAIS

Para tecer as últimas palavras sobre esse trabalho,   necessário retomar o objetivo geral que foi o de refletir sobre o subprojeto: *Resgate da Prática da Conta o de Histórias de Trancoso*, produzido na Escola São João, situada na Caiana do Agreste em Alagoa Grande – PB, tendo os idosos como testemunha e partícipe da história da comunidade.

Com isso, posso afirmar que o desenvolvimento desse projeto foi de grande valia para a comunidade e para a escola, aprendi nesse projeto a participar de grandes momentos e significativa mudança nos idosos quando foram e são importantes membros desse trabalho e nas crianças, com rela o a forma de ouvir o outro.

A conta o de histórias na escola foi uma forma de distrair as crianças, quando fizemos ressurgir a figura do contador de histórias, por intermédio da participa o dos Idosos, coisa que, talvez, não aconteça com o semelhante comprometimento nessa comunidade e nessa escola, se essa prática não tiver sido apreendida de forma que possa dar continuidade para que outros possam cultivar o sentido de que se conheça as histórias valiosas de nossos antepassados.

Sabemos, também, que a conta o de histórias  , entre outras coisas, um importante aliado dos professores na Educa o Infantil e também dos Anos Iniciais do

---

<sup>10</sup> A **arquitetura barroca** está entre as principais formas de manifesta o da contrarreforma religiosa católica por meio da arte.

Ensino Fundamental para a formação do leitor e por isso precisa fazer parte do cotidiano das crianças, tanto na modalidade de Educação, como na modalidade de ensino. E, é nessa direção que buscamos, com todo esse trabalho, contribuir para a formação do leitor no âmbito da escola que, nesse subprojeto, envolvemos alunos, professores, coordenadores e moradores da comunidade, que foram de suma importância, o que nos estimulou cada vez mais pela sua participação e aceitação.

As atividades de Contação de Histórias tiveram um resgate cultural riquíssimo, fazendo com que todos, de alguma forma, começassem a, junto conosco, contribuir para a valorização dessa valiosa forma de narrativa – Contação de Histórias de Trancoso - tendo como propulsor da concretização desse projeto a pessoa idosa e moradores da respectiva comunidade.

Nesse sentido, reforçamos o discurso de que é importante ressaltar que a escola é, sim, um lugar de construção e de reconstrução de valorização desses saberes, ditos populares, nos quais está presente a contação de histórias, pois ela contribui para a aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento do aluno para a vida inteira. Dada à relevância da contação de histórias na escola, a nosso ver, é importante a continuidade das *Contações de Histórias de Trancoso* pelos idosos.

Como contribuição acadêmica, creio que contribuímos com a aprendizagem não só acadêmica, por ser de grande valor, mas, sobretudo, sem esquecer de usar a Literatura Infantil e a Contação de Histórias como aprendizado social, servem para formar o leitor e um leitor crítico na Comunidade Caiana do Agreste dos deparamos com a inocência que está desaparecendo, o valor da humildade e da gentileza, dos novos conhecimentos, novas amizades que, mesmo com o decorrer dos anos, pude trazer comigo todos aqueles que se fizeram presentes na nossa vida acadêmica.

Compreendemos que conseguimos alcançar incontáveis resultados, sabendo que os idosos foram indispensáveis para hoje está concluindo esse círculo, a gestora da escola que nos auxiliou, com muito empenho para que pudéssemos compreender o uso da própria Literatura Infantil.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996. 335p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 434p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 1994. 488p.

BUSSATO, Cléo. **A arte e contar histórias no século XXI**: Tradição e Ciberespaço. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 152p.

COMADRE Fulozinha. **Wikipédia, a enciclopédia livre**, 2016. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Comadre\\_Fulozinha/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Comadre_Fulozinha/). Acesso em: 06 de jun de 2019.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. 476p.

PEREIRA, M. E. R. **Projeto Griots**: Contadores de Histórias UEPB e suas contribuições para minha prática docente. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Pedagogia. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, 2017. 54p.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos dourados**: A Arte de Ouvir as Histórias para Depois Contar. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2008. 134p.

SANTANA, Ana Lucia. **História da Fronteira**, 2012. A Importância do Contador de História. Disponível em: <http://historiasdafronteira.blogspot.com.br/p/a-importancia-do-contador-de-historias.html/>. Acesso em: 05 de junho de 2019.

SANTOS, Rosana Maria. **A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil**. Porto Alegre, UFRGS, 2011. 51p.

SIGNIFICADO DA PALAVRA TRANCOSO. In: **Dicionário Informal**. Paraíba: José Cavalcanti da Silva, 2011. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>. Acesso em: 06 de jun de 2019.

SILVIO, ROMERO. **Numerologia e Prosperidade**, 2009. Histórias de Trancoso. Disponível em: <http://silnunesprof.blogspot.com.br/2009/10/historiasdetrancoso.html/>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

SOUSA, F. R, STRAUB, S. L. W. **A Arte de Contar Histórias na Educação Infantil**. Vol. 5, São Paulo, 2014. 122-131p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Práticas educativas para a formação de atitudes de valorização da pessoa e da comunidade**. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Campina Grande – PB, 2013.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus** que me possibilitou a existência, e sempre esteve comigo me guardando para que nenhum mal me acontecesse e me deu forças em todos os dias de minha vida.

Agradeço ao meu **Pai** e a minha **Mãe** por terem me ensinado a sempre lutar pelos meus sonhos, pelo imenso incentivo e apoio na conquista de meus objetivos, sem vocês, comigo, nessa trajetória, não teria chegado aonde cheguei.

Agradeço ao **Thiago** meu marido pelo carinho e por sempre estar ao meu lado nos momentos em que precisei de compreensão, e palavras de estímulo para seguir em frente sem fraquejar.

Agradeço a Direção da escola por ter aberto suas portas para a realização desse trabalho.

Agradeço aos professores e professoras da escola pela disponibilidade e pela grande e, indispensável contribuição.

Agradeço a Professora **Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro**, pela dedicação, pela competência e orientação segura deste Artigo.

Agradeço a professora Dra. **Almira Lins de Medeiros**, pelos saberes compartilhados no percurso de elaboração deste projeto que foram essenciais para a conquista deste resultado. Agradeço a todas as Professoras e Professores desta Universidade que passaram pela minha vida acadêmica e me ensinaram o verdadeiro sentido e a devida importância da palavra Educação.

Agradeço a Profa. Dra. **Eliane Moura** que, sem me conhecer, prontamente se disponibilizou a examinar o meu trabalho.

Agradeço as colegas de curso e, em especial, a **Juscelina**, que compartilhou comigo as angústias, as dificuldades, as conquistas, as dúvidas, e as dificuldades encontradas durante a minha trajetória acadêmica, me ajudando a fechar mais um ciclo para que outros possam se iniciar.

